

Jakob Wassermann e Kaspar Hauser, 100 anos depois

Luis S. Krausz

This article draws a parallel between Jakob Wassermann's interest in the history of Kaspar Hauser, which led him to write a novel still considered as the most eloquent literary rendering of this episode, and his own situation as an outsider in German culture. Wassermann's feeling of alienation towards his own country is expressed in his autobiography, titled "Mein Weg als Deutscher und Jude" and his "Kaspar Hauser" is seen here a kind of "estrangement novel", a term which is a counterpoint to the traditional German concept of *Bildungsroman*. In this respect, it displays some striking analogies with works by later authors, who have drawn this specifically Jewish-German genre to a kind of paroxysm, such as Franz Kafka and Elias Canetti. A novel by an author usually seen as a conservative thus reveals an unexpected avant-garde aspect, which in certain ways foresees the future development of Jewish-German literature. On the other hand, Wassermann's critique to the Bismarckian mentality, which dominated Germany in the first half of the 19th. Century, appears to detect some tendencies crucial to the development of German political life in the early 20th. century.

Keywords: German Jewish; German Literature; Estrangement Novel

Caspar Hauser oder die Trägheit des Herzens (Kaspar Hauser ou a indolência do coração), romance que Jakob Wassermann (1873-1934) publicou pela primeira vez em 1908, é uma narrativa de caráter histórico, que trata de um episódio que causou grande comoção na Alemanha e em toda a Europa do século 19: a 26 de Maio de 1828, numa tarde do segundo dia da festa de Pentecostes, um adolescente desconhecido apareceu nas ruas de Nürnberg. Praticamente incapaz de falar, desacostumado à luz, quase não conseguindo andar, estranho ao convívio humano e desacostumado aos alimentos comuns em sua época, ele trajava roupas de camponês e levava consigo uma carta dirigida a um certo capitão Wessenig, do 6º Regimento de Cavalaria.

A história verdadeira do Kaspar Hauser espalhou-se pela Alemanha e por toda a Europa com grande velocidade, como um caso bizarro e à primeira vista inexplicável, e deu origem, ao longo do tempo, a uma longa série de livros, tanto de caráter literário quanto científico – uma série que não pára de crescer, a tal ponto que, já desde 1927, existem livros apenas com a bibliografia existente sobre o tema.ⁱ Berthold Weckmann, num volume publicado em 1993,ⁱⁱ analisa nada menos do que 146 das obras de caráter literário ou histórico que têm Kaspar Hauser como tema (dentre as quais pode-se destacar um poema de Paul Verlaine, *Gaspard Hauser*

Luis S. Krausz é mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania, pós-graduado pela Universidade de Zurique e doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo. É autor de As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica (Edusp, 2007). E-mail - lkrausz@uol.com.br

chante, de 1873). Os trabalhos comentados por Weckmann, uniformemente distribuídos ao longo de cerca de 170 anos, são apenas uma parte do acervo literário existente sobre o tema. Para o escritor Guntram Vesper, “Kaspar Hauser puxa uma cauda de cometa de cinco mil livros.”^{xiii} Existem também vários filmes sobre a história de Kaspar Hauser, dos quais o mais notório é certamente o do diretor alemão Werner Herzog, de 1973, que leva como subtítulo *Jeder für sich und Gott gegen Alle*. (*Cada um por si e Deus contra todos*).

O motivo pelo qual o escritor judeu alemão Jakob Wassermann decidiu, em 1907, escrever um romance histórico a respeito do jovem encontrado em Nürnberg não será, portanto, a novidade ou o ineditismo da matéria em seu tempo. Seu *Caspar Hauser oder die Trägheit des Herzens*, hoje considerado como a mais bem sucedida elaboração épica do assunto, talvez possa ser compreendido como pertencente a um gênero típico da literatura judaico-alemã das primeiras décadas do século 20, que gostaria de chamar de *Entfremdungsroman*, ou romance do estranhamento – um contraponto ao gênero tradicional do *Bildungsroman*, fulcro da prosódia alemã do século 19.

Kaspar Hauser é um personagem que levou ao paroxismo o estranhamento de um homem ante a sociedade – e da sociedade ante um indivíduo. Talvez o aspecto mais impressionante da narrativa de Wassermann, que a torna interessante para o leitor contemporâneo, seja o seu aprofundamento na questão da alienação de Hauser com relação ao mundo que o cerca. Ao mesmo tempo, a maneira como ele retrata os esforços desta mesma sociedade no sentido de ajustá-lo às suas regras, ainda que ao custo de todo sentimento humano e mesmo da ética, e sua incapacidade de compreendê-lo enquanto ser humano, e de aceitar sua dimensão humana – o que de resto fica claro no título alternativo criado por Wassermann para seu romance: *Die Trägheit des Herzens* ou *A indolência do coração* – possuem algo de estranhamente premonitório, tanto com relação ao desenvolvimento posterior da literatura judaico-alemã quanto com relação ao desenvolvimento da história do século 20 europeu propriamente dita.

Em *Mein Weg als Deutscher und Jude* (*Meu caminho como alemão e judeu*), Wassermann não se cansa de enfatizar a que ponto ele sempre se sentiu como um estranho em sua terra natal – tanto entre os alemães quanto entre os judeus, e neste sentido ele acabaria por tornar-se, de certa maneira, um emblema do próprio judaísmo alemão: Wassermann só parece ter encontrado uma *Heimat*, um lugar onde se sentia razoavelmente à vontade, ao mudar-se para Viena, onde viveu em meio ao cosmopolitismo de um meio intelectual fortemente marcado pela presença judaica, nos últimos anos do Império Austro-Húngaro e no entre-guerras. Se ele afirma, de maneira categórica, não se sentir identificado e nem inteiramente à vontade quer entre os alemães, quer entre os judeus que permanecem mergulhados nas tradições de seus ancestrais, ele também observa com distanciamento, com apurado senso crítico e não sem certa ironia os judeus alemães, seus contemporâneos, que parecem estar vivendo num incômodo limbo entre dois mundos, sem pertencer realmente a nenhum deles.

Ao descrevê-los Wassermann coloca-se no vértice de um triângulo, equidistante de dois pólos – o judaico e o alemão – e a partir deste vértice ele observa, com igual estranhamento, todos os pontos da reta que leva de um a outro desses pólos, isto é, o longo *iter* que separa o judeu do gueto, com suas formas de vida cristalizadas pelos séculos, dos vários graus da assimilação judaica na Alemanha, que à época de sua

juventude atingia o auge na concepção do *Deutscher Bürger mosaichen Glaubens* (*cidadão alemão de fé mosaica*).

Assim, se ele se distancia tanto do judeu religioso e crente, do judeu do Leste, marcado pela vivência intensa de uma tradição que se estendia a todas as esferas da vida, quanto do judeu modernizado.^{iv} Sobretudo, ele mostra-se intolerante com aquele grupo judaico que, em suas próprias palavras, fez da razão uma idolatria. É, sobretudo, o seu racionalismo exacerbado e a excessiva importância por eles atribuída à razão e à mentalidade científica que os torna repulsivos a seus olhos:

Havia um rasgo de racionalismo que perpassava todos estes judeus, e que perturbava qualquer relação mais íntima. Dentre os mais baixos, isto se manifestava e realizava na esfera inferior: busca pelo sucesso e pela riqueza, cobiça por vantagens e lucros, ânsia de poder e oportunismo social; dentre os mais elevados, o resultado disto era a incapacidade para as idéias e para a intuição. A ciência era um ídolo, a inteligência o senhor absoluto. Tudo o que escapasse aos cálculos era visto como pertencente a uma categoria inferior; também o destino podia ser calculado, e as paisagens mais sombrias da alma. Havia neles uma vontade e uma decisão no sentido de eliminar o mistério do mundo...^v

Ora, uma grande parte dos sofrimentos de Kaspar Hauser descritos no romance de Wassermann são causados, justamente, por aqueles personagens que mais se apegam ao racionalismo e à necessidade de encontrar explicações lógicas para tudo – a começar por aqueles que consideram que o jovem encontrado só pode ser um falsário com um bom motivo para portar-se desta forma. Dentre estes, pode-se destacar o carcereiro Hill, que de início se apegava à tese de que está diante de um impostor e se põe a espionar o jovem em seu cárcere enquanto dorme, para verificar se no sono ele pronuncia alguma palavra capaz de incriminá-lo. Outro aderente fervoroso do racionalismo é o professor Quandt, de Ansbach, em cuja casa Hauser vai residir até o dia de sua morte, bem como a horda de personagens cuja visão de mundo coincide com a de uma época de “irremediável aplainamento e diluição, que leva a cabo uma idolatria com a ciência compreendida e não compreendida e falsificou, por meio da cultura, toda sua esfera de pensamentos.”^{vi}

Assim, tão logo é encontrado, Hauser é encarcerado numa torre para rapidamente tornar-se uma espécie de atração turística. Já a partir das primeiras horas do dia, os cidadãos respeitáveis de Nürnberg passaram a enfileirar-se ante as grades de sua cela, para observá-lo, para atirar-lhe alimentos, quando não para insultá-lo:

Enquanto isto o jovem encontrado passava por um tempo difícil. Sua prisão na torre tornou-se o destino dos ociosos e curiosos da cidade inteira. As pessoas corriam para lá como para a exposição de uma raridade divertida, pois o decreto do magistrado fizera dele um objeto público. Aqueles que até então o protegiam tinham se tornado mais reservados, pois não se sabia como a história haveria de terminar, e se alguma sábia corte de apelação não o classificaria como um simples vigarista.^{vii}

Alheio às regras e aos costumes de seus contemporâneos, Hauser é, neste momento inicial do romance, o inteiramente outro, o estranho absoluto, condição

que ele não será capaz de superar – e o subtítulo do romance de Wassermann, *Die Trägheit des Herzens*, refere-se, em primeira instância, à incapacidade de compaixão e empatia, isto é, a uma ruptura na noção de humanidade como patrimônio comum a todos os seres humanos.

O relacionamento de Hauser com os que vão cruzando seu caminho revela-nos, a cada tanto, novos aspectos de uma sociedade que se afigura como dominada pelo racionalismo utilitarista, por uma moral que consiste de imposições e não de convicções, por um autoritarismo burocrático e por uma mutilação dos aspectos emocionais e sentimentais do homem: uma sociedade construída sob o signo da *Trägheit des Herzens* (*A indolência do coração*).

Essa mentalidade autoritária, burocrática, de racionalismo autônomo, é realçada pelo contraponto que a ela fazem dois personagens que encarnam o melhor das virtudes germânicas: o professor Daumer e o magistrado Feuerbach. Daumer, que em sua visão universalista e panteísta é o partido derrotado num tempo em que tudo o que não pode ser explicado pela razão pode ser considerado como ofensivo, diz, a respeito de Hauser:

Ele é um milagre (...). Infelizmente nós vivemos numa época em que qualquer referência ao inescrutável ofende o nosso espesso saber quotidiano. Não fosse assim, qualquer um haveria de ver e de sentir, neste ser humano, que nós estamos cercados por todos os lados por forças misteriosas da natureza, sobre as quais repousa todo o nosso ser.^{viii}

Hauser é, para ele, uma criatura cuja pureza de alma não foi corrompida pelo convívio com outros seres humanos:

Quando se fala dele é impossível exagerar porque a língua é pobre demais para expressar o seu ser. O surgimento dessa criatura de contos de fadas, de um obscuro lugar nenhum, é como uma lenda arcaica. Subitamente a voz pura da natureza se dirige a nós, um mito se torna realidade. Sua alma é como uma pedra preciosa, que ainda não foi tocada por nenhuma mão cheia de cobiça.^{ix}

Kaspar Hauser torna-se, então, uma espécie de *Adam Kadmon*, de homem primordial, que guarda em si as forças criativas e as potencialidades da natureza intocada, e serve ao propósito de encarnação do tema do *Bon sauvage*, de Rousseau, em voga no século 18.

Para a maioria da população, porém, trata-se de uma curiosidade a ser observada. O século do triunfo do iluminismo e, sobretudo, do pragmatismo alemão, foi também o século em que se cultivou, talvez mais do que em qualquer outro, o gosto e o fascínio pelo aberrante, pelo incomum, pelo bizarro. Foi um tempo que viu surgirem, juntamente com os asilos de loucos e os grandes presídios, também os gabinetes de curiosidades zoológicas e humanas, o fascínio pelos países estrangeiros, os museus de cera, os simulacros de todos os tipos e, nas artes, e em especial na literatura, o gosto pelo grotesco e pelo macabro – como, por exemplo, nas narrativas de E. T. A. Hofmann (1776-1822) ou de Edgar Allan Poe (1809-1849).

Assim, a rápida fama que Caspar Hauser ganhou na Alemanha, já em sua época, pode ser creditada tanto ao que há de intrigante e trágico em sua história quanto ao

gosto do público numa época de crescente padronização e a normatização de comportamentos, à qual corresponde a exclusão cada vez maior e o isolamento de tudo o que não se ajusta às normas impostas pelos poderes constituídos – sejam eles jurídicos eclesiásticos ou sociais.

* * *

Nascido em de uma família assimilada,^x Wassermann serviu ao exército imperial, onde foi cruelmente discriminado por causa de sua ascendência e por causa de sua constituição frágil. Tornou-se um cético com relação ao processo de aculturação e germanização dos judeus da Alemanha que, no seu entender, dava-se ao custo do sacrifício de toda a autenticidade dos judeus, que imolavam sua personalidade, sua tradição espiritual e sua essência no altar-mor da conquista de posições no interior da sociedade alemã. Assim, ao descrever seus contemporâneos, judeus alemães em processo de assimilação, em certa medida, também seus companheiros de destino, ele escreveria, em 1924, em *Der Jude als Orientale (O Judeu como Oriental)*:

De um só golpe deseja-se tirar de si mesmo tudo o que se foi para sentir-se no presente. O resultado é embriaguez, desorientação, cisão (...). Por excesso de ambição, as pessoas se tornam viciadas. O prazer da vitória as leva a se esquecerem do fato de que, apesar dos direitos conquistados, apenas são toleradas. Tudo o que os judeus têm de excelente degradou-se em vícios e estes vícios, nos judeus, possuem algo de estranhamente penetrante: o judeu autêntico é orgulhoso e cheio de pudor; eles são servís e desavergonhados. Neles a inteligência se transforma em esperteza, o julgamento em falta de respeito. São fracos que se fazem passar por fortes.^{xi}

Mais adiante lemos, no mesmo livro:

Nele tudo se torna gesto, calor excessivo, tudo se torna mania. É como se ele tivesse sido privado da noção de seu próprio ser e em decorrência disto ele precisa arrancar cada sucesso, cada efeito, cada desafio de sua personalidade isolada, e assim não possui nada além desta própria personalidade, da qual ele é vítima e escravo (...).

Nós os conhecemos, meu caro amigo, nós os conhecemos e sofremos por causa deles, estes milhares de assim chamados judeus modernos, que minam todos os fundamentos porque eles mesmos não têm fundamentos; que hoje jogam fora o que conquistaram ontem, que hoje emporcalham o que ontem amavam... Eles só se entregam às coisas nas quais podem se perder, e só admiram onde se sentem desprezados. No fundo de seus corações eles crêem apenas no estranho, no outro, no ser diferente.^{xii}

Para Wassermann o judeu “modernizado” é o homem que não sabe ao certo quem é, é o homem que não se parece com ninguém e que com ninguém parece capaz de relacionar-se com naturalidade. Privado de sua natureza, o judeu modernizado vive cercado por uma aura de exotismo e diferença, mas já não é mais capaz de encontrar sua identidade, e assim parece estar sob o poder de uma espécie de maldição, que o acompanha em toda a parte.

A angústia desse judeu modernizado concebido por Wassermann é em certa medida a própria angústia do Kaspar Hauser retratado no romance, desesperado em sua solidão, sequioso de um encontro com sua origem e com sua história verdadeira tanto quanto de laços autênticos com o mundo que o cerca, e incapaz de encontrar satisfação para qualquer destes seus anseios. No romance de Wassermann ele é o ser humano que se define pela falta, pela ausência, isto é, pela inexistência de identidade: a tabula-rasa que se presta às projeções de todos os tipos por parte dos que com ele se relacionam. Assim, Hauser hora é visto como um criminoso comum e um vagabundo, ora como um príncipe; ora como repositório de todas as virtudes do homem original, conforme foi criado por obra divina, e ainda não corrompido pelo convívio em sociedade, ora como um libertino desavergonhado e mentiroso, sempre a depender da disposição de alma daquele que o observa.

Mas quem é Kaspar Hauser? Esta pergunta angustiante perpassa a obra de Wassermann em toda sua extensão, e permanece em aberto. A busca pela própria identidade, que chega às raízes do desespero, talvez seja em parte uma ressonância da tenacidade das próprias angústias de Wassermann, expressas em *Mein Weg als Deutscher und Jude*.

Bibliografia

- GOTTSCHALK, Birgit. Das Kind von Europa – Zur Rezeption des Kaspar Hauser-Stoffes in der Literatur. Deutscher Universitäts-Verlag, Wiesbaden, 1995
- PEITLER, Hans e LEY, Hans. Kaspar Hauser. Über tausend bibliographische Nachweise, Ansbach, 1927
- WASSERMANN, Jakob. Caspar Hauser, Berlin, Deutsche Buchgemeinschaft, 1924
- WASSERMANN, Jakob, Deutscher und Jude, Heidelberg, Lambert & Schneider, 1984
- WASSERMANN, Jakob. Mein Weg als Deutscher und Jude, Berlin, Nishen, 1987
- WECKMANN, Berthold. Kaspar Hauser: die Geschichte und ihre Geschichten. Würzburg, Königshausen und Neumann, 1993

Notas

ⁱ Já em 1927 foi publicada em Ansbach uma bibliografia sobre Kaspar Hauser, na qual se fala de “mais de mil livros” (PEITLER, Hans e LEY, Hans, *Kaspar Hauser. Über tausend bibliographische Nachweise*, Ansbach, 1927). Uma antologia de 1992 oferece um panorama sobre a recepção literária e ficcional do assunto (STRUVE, Ulrich (ed.). *Der Findling. Kaspar Hauser in der Literatur*, Stuttgart, 1992).

ⁱⁱ WECKMANN, Berthold. *Kaspar Hauser: die Geschichte und ihre Geschichten*. Würzburg, Königshausen und Neumann, 1993.

ⁱⁱⁱ VESPER, Guntram. *Nördlich der Liebe und südlich des Hasses*, Munique/Viena, 1979, p. 69 apud GOTTSCHALK, Birgit. *Das Kind von Europa – Zur Rezeption des Kaspar Hauser-Stoffes in der Literatur*. Deutscher Universitäts-Verlag, Wiesbaden, 1995 p. 9.

^{iv} cf. WASSERMANN, *Mein Weg als Deutscher und Jude*, p. 115: Quando eu via um judeu polonês ou galiciano, e conversava com ele, me esforçava em penetrar em sua intimidade, compreender sua maneira de pensar e de viver, ele certamente era capaz de me comover ou de admirar, ou de provocar dó ou tristeza, mas um impulso de irmandade, ou mesmo de parentesco eu não sentia de

maneira nenhuma. Ele me era totalmente estranho, em suas expressões, estranho em cada uma de suas emanações, e se não surgisse uma simpatia humana e individual, até mesmo repulsivo. Muitos judeus que se sentem judeus ocultam este sentimento de si mesmos; por amor a um conceito de obrigação ou a uma imposição partidária, ou para não se exporem a ataques de estranhos, eles se obrigam. (*Sah ich einen polnischen oder galizischen Juden, sprach ich mit ihm, bemühte ich mich, in sein Inneres zu dringen, seine Art zu denken und zu leben zu ergründen, so konnte er mich wohl rühren oder verwundern oder zum Mitleid, zur Trauer stimmen, aber eine Regung von Brüderlichkeit, ja nur von Verwandtschaft verspürte ich durchaus nicht. Er war mir vollkommen fremd, in den Äusserungen, in jedem Hauch fremd, und wenn sich keine menschlich-individuelle Sympathie ergab, sogar abstossend. Viele Juden, die sich Juden fühlen, verhehlen sich dies; einem Pflichtbegriff oder Parteidiktat zuliebe oder um feindlichen Angriffen keinen Zielpunkt zu geben, üben sie Zwang auf sich aus.*)

^v Idem p. 112: Es ging ein Zug von Rationalismus durch alle diese Juden, der jede innigere Beziehung trübte. Bei den niedrigen äusserte es sich und wirkte im Niedrigen, Anbetung des Erfolgs und des Reichtums, Vorteils- und Gewinnsucht, Machtgier und gesellschaftlichen Opportunismus; bei den Höheren war es das Unvermögen zur Idee und Intuition. Die Wissenschaft war ein Götz; der Geist war unumschränkter Herr; was sich der Errechnung versagte, war untergeordnete Kategorie; errechnet werden konnte auch das Schicksal, zerfasert die heimlichsten, dunkelsten Gebiete der Seele. Es war überhaupt in ihnen ein Wille und Entschluss zur Entgeheimnisung der Welt.

^{vi} cf. Idem, p. 42: dieser Zeit heillosen Verflachung und Verdünnung, die mit verstandener wie mit missverständener Wissenschaft Idolatrie trieb und ihre ganze Gedankensphäre durch Bildung verfälschte.

^{vii} WASSERMANN, Jakob. Caspar Hauser p. 57 p. 31 Mittlerweile hatte der Findling eine gar böse Zeit. Sein Turmgefängnis wurde das Ziel aller Müssiggänger und Neugierlinge der ganzen Stadt. Man tief hin wie zu der Ausstellung einer unterhaltsamen Rarität, denn der magistratische Erlass hatte ihn zu einem öffentlichen Gegenstand gemacht. Seine bisherigen Beschützer waren ein wenig zurückhaltender geworden, denn man wusste ja nicht, wie die Geschichte enden würde und ob nicht ein hochweises Appellgericht ihn zum gewöhnlichen Schwindler stempeln würde.

^{viii} idem p. 57 "Er ist ein Mirakel," entgegnete Daumer hastig und ergriffen; dann, in einem halb belehrenden, halb bitteren Ton, der für einen Weltmann wie Tucher verletzend klingen musste, fuhr er fort: "Leider leben wir in einer Zeit, in der man mit jedem Hinweis auf Unerforschliches den plumpen Alltagsverstand beleidigt. Sonst müsste jeder an diesem Menschen sehen und spüren, dass wir rings von geheimnisvollen Mächten der Natur umgeben sind, in denen unser ganzes Wesen ruht.."

^{ix} idem p. 38: "Also. Wenn man von ihm spricht, kann man nicht übertreiben, weil die Sprache zu ärmlich ist, um sein Wesen auszudrücken. Es ist wie eine uralte Legende, dies Emporatauchen eines märchenhaften Geschöpfes aus dem dunklen Nirgendwo; die reine Stimme der Natur tönt uns plötzlich entgegen, ein Mythos wird zum Ereignis. Seine Seele gleicht einem kostbaren Edelstein, den noch keine habgierige Hand betastet hat."

^x cf. WASSERMANN, Mein Weg als Deutscher und Jude, p. 37: Na roupa, na fala e nas formas de vida a assimilação estava totalmente concluída. A escola que eu frequentava era estatal e aberta. Vivíamos entre cristãos, relacionávamo-nos com cristãos, e para os judeus modernizados, dentre os quais meu pai se incluía, uma comunidade judaica existia apenas no sentido do culto e da tradição. Este recuava, ante o poderoso e sedutor ser moderno, cada vez mais para a esfera reservada das congregações, em grupos secretos, distantes, frenéticos; aquela tornava-se lenda, e por fim apenas palavra e forma vazia. (*In Kleidung, Sprache und Lebensform war die Anpassung durchaus vollzogen. Die Schule, die ich besuchte, war staatlich und öffentlich. Man wohnte unter Christen, verkehrte mit Christen, und für die fortgeschrittenen Juden, zu denen mein Vater sich zählte, gab es eine jüdische Gemeinde nur im Sinn des Kultus und der Tradition; jener wich vor dem verführerischen und mächtigen modernen Wesen mehr und mehr ins Konventikelhafte zurück, in heimliche, abgekehrte, frenetische Gruppen; diese wurde Sage, schliesslich nur Wort und leere Hülse.*).

^{xi} WASSERMANN, Jakob, Deutscher und Jude, Heidelberg, Lambert & Schneider, 1984, p. 24: "Man will in einem Atemzug alles Gewesene abschütteln und sich mit Gegenwart fühlen. Die Folge ist Rausch, Zerrfahrenheit, Zerrissenheit (...). Man wird durch Übereifer lästig. Die Siegerfreude lässt vergessen, dass man trotz der errungenen Rechte nur geduldet wird. (...) Alle Vorzüge des Juden sind zu Lasten geworden und diese Lasten haben bei ihm etwas seltsam Penetrantes: der echte Jude ist stolz und schamhaft, sie sind knechtisch und schamlos. In ihnen wird Scharfsinn zur Klügelerei, Urteil zu Respektlosigkeit. Es sind Schwächlinge die sich stark stellen."

^{xii} idem, p. 30: *“Alles wird Gebärde an ihm, alles Überhitzung, alles Manie. Ihm ist sozusagen die Idee seines Daseins geraubt, infolgedessen muss er jeden Erfolg, jede Wirkung, jede Förderung seiner eigenen isolierten Persönlichkeit abzwängen, und so besitzt er auch nichts weiter als eben diese Persönlichkeit, deren Sklave und Opfer er ist (...).”*
Wir kennen sie ja, lieber Freund, wir kennen sie und wir leiden an ihnen, diesen tausenden sogenannten modernen Juden, die alle Fundamente benagen, weil sie selbst ohne Fundament sind; die heute verwerfen, was sie gestern erobert, heute besudeln, was sie gestern geliebt... Sie geben sich nur hin, wo sie sich verlieren können, und bewundern nur dort, wo sie sich verstossen fühlen. Im Grunde ihres Herzens glauben sie bloss an das Fremde, das Andere, das Anderssein.